**Resumo** do artigo *Cooperation and human cognition*, de Moll e Tomasello. 2007.

Duas hipóteses sobre a força-motriz da evolução cognitiva em primatas aparecem quase ao mesmo tempo e são, de certa forma, opostas. Humphreys, em 1976, sugere que a força-motriz seria a competição social. E Vygotsky, em 1978, sugere a cooperação como base da evolução (ontogenética) da dimensão social da inteligência. O artigo tem como objetivo testar a hipótese de inteligência Vygotskyana, comparando habilidade cognitivas-sociais de chimpanzés e crianças (~ 1 ano de idade) em atividades que envolvam cooperação.

A principal diferença entre as hipóteses de Humphreys e Vygotsky está relacionada à espécie – coloca-se em questão que primatas não-humanos se apóiam sobre motivações de competição, enquanto humanos fazem mais uso social cooperativo. Em uma série de experimentos, comparam-se os desempenhos de primatas não-humanos e crianças: rejeita-se a hipótese de que primatas não-humanos possuam “we-intentionality” e ajam cooperativamente, enquanto infantos humanos apresentem-nas desde os 14-18 meses de idade. Primatas não-humanos não exibem comprometimento a um objetivo comum – mesmo no caso de caça “coletiva” –, apresentam limitações na troca de papéis e na ajuda a outros indivíduos durante atividade coletiva.

Em termos de comunicação, primatas não-humanos parecem incapazes de incorporar o comportamento de apontar. Somente aqueles indivíduos que convivem com humanos em cativeiro demonstram essa habilidade na interação primata não humano e humano. Em constraste, infantos humanos desde os 14 meses de idade já demonstram gestos de apontar. Os autores argumentam que por detrás desse comportamento existe algo que eles denominam de “quadro atencional conjunto” – o apontar só adquire significado quando os indivíduos que se comunicam estão inseridos num mesmo quadro de referência.

Os autores concluem que a hipótese de inteligência Vygotskyana é um trato derivado em humanos, que envolve intencionalidade compartilhada. Essa é a base de evolução da cultura cumulativa. Essas evidências apóiam a teoria de dois estágios da evolução da cooperação humana (Hare e Tomasello, 2004) – em algum momento e determinada condição, alguns humanos passaram a ser mais tolerantes e amigáveis. Nesse processo, a seleção natural atuou, num segundo estágio, para selecionar aqueles indivíduos mais sofisticados em habilidades social-cognitivas e motivacionais nas atividade cooperativas que envolviam intencionalidade compartilhada.

**Questões** do artigo *Meet the Alloparents*, de Sarah B. Hrdy – Natural History, 2009.

1. Eu não sei se entendi muito bem a explicação de por que a evolução por seleção natural favoreceria o cuidado “allomatricial” – pelo processo de dois estágios sugerido pelos ornitólogos David Ligon e Brent Burt. Aparentemente a cooperação derivada (ou do tipo) allomatricial é efeito em espécies (taxa) que possuem filhotes altriciais (em contraste a precoces, em termos comportamentais para sobrevivência). Então, segundo esse modelo, devemos pensar nessa causa comum de filhotes altriciais como origem do comportamento cooperativo?
2. A autora comenta sobre a particular importância do cuidado parental compartilhado no caso, em especial, de sociedades tradicionais nas quais a mortalidade de infantos era (é) bastante alta. A mortalidade pode ter uma influência também na origem desse comportamento? Pensando nos caçadores-coletores, que descobriram que as avós e outros parentes estavam presentes no momento de parto, tal comportamento pode ser fruto de uma possível mortalidade da mãe (e não dos filhos)? E o cuidado surge, também em função do quanto é “caro” um bebê nessa espécie?